

# Crise dos refugiados na América Central

## Histórias

### **“Saúl”: enviado de volta para a sua morte**

“Saúl”, hondurenho de 35 anos e com cinco filhos, foi assassinado no país natal menos de três semanas depois de ter sido forçado a regressar a casa do México, em julho de 2016, quando o seu pedido de asilo foi recusado.

Condutor de autocarro – uma das mais perigosas profissões nas Honduras devido ao controlo que os grupos criminosos têm sobre este sector - “Saúl” fugiu do país natal em novembro de 2015 depois de ter conseguido sobreviver a um tiroteio junto com dois dos seus filhos, os quais ficaram gravemente feridos naquele incidente. A polícia não deu nenhum desenvolvimento à queixa que apresentou nem lhe ofereceu qualquer espécie de proteção.

Quando os investigadores da Amnistia Internacional entrevistaram “Saúl” em julho passado, as últimas palavras que deu no seu testemunho foram: “Sinto que algo vai acontecer outra vez, talvez a mim mesmo”.

A mulher e os filhos deste hondurenho vivem agora imersos em terror do que lhes pode acontecer.

### **“Andrés”: “Disseram-me que tinha de partir”**

“Andrés”, de 16 anos, vive escondido em El Salvador depois de ter sido detido em maio passado pelas forças de segurança. Este jovem contou à equipa da Amnistia Internacional que foi torturado para confessar ter participado num tiroteio e ser vigia de um gangue, no que aparente ser uma tentativa desesperada para mostrar que as autoridades estão a tentar abrandar os chocantes níveis de crime violento no país.

Testemunhou que os soldados lhe despejaram garrafas de água pela boca e nariz abaixo, que lhe enfiaram a cabeça numa poça, lhe meteram areia na boca, lhe saltaram em cima da barriga e depois o pontapearam, esmurraram e ameaçaram matá-lo se ele não fizesse a “confissão” que lhe exigiam.

A mãe de “Andrés” apresentou queixa às autoridades sobre o tratamento a que

o filho foi submetido e foi aberta uma investigação. Os investigadores recomendaram a “Andrés” que não regresse a casa.

“Andrés” muda agora de casa em casa, aterrorizado com a possibilidade de que os homens que o brutalizaram o encontrem de novo. Está desesperado para conseguir sair do país.

### **“Yomara”: “Se eu ficar aqui, eles matam-me”**

“Yomara”, de 30 anos, teve de fugir das Honduras, onde nasceu, após ter sido atacada e intimidada no bairro onde vivia em Tegucigalpa, capital hondurenha, depois de ter testemunhado contra dois homens acusados de terem espancado um rapaz até à morte.

Na mesma semana em que aqueles dois homens foram formalmente acusados e detidos pelas autoridades por aquele crime, num caso não relacionado, o irmão de “Yomara”, de 16 anos, foi raptado quando estava a trabalhar como cobrador de bilhetes nos autocarros, em maio de 2014. Foi mais tarde encontrado morto.

Quando a investigação oficial à morte do irmão não avançou, “Yomara” decidiu começar a investigar o homicídio ela mesma.

Não apresentou queixa às autoridades destes incidentes e tentou obter ajuda junto de uma organização não-governamental local que presta assistência aos procuradores nas investigações criminais e que organizou a forma desta hondurenha participar no caso como testemunha. Mas ninguém lhe podia garantir a segurança.

“Yomara” está atualmente no México, onde deu início ao processo de requerimento de asilo, para o qual aguarda resposta das autoridades mexicanas.

### **“Patrícia”: “É impossível viver no meu país”**

“Patrícia” é uma mulher transgénero de 32 anos que vive aterrorizada para sair de casa, na sua cidade natal de El Salvador, após ter começado a receber ameaças e ser intimidada por grupos criminosos devido à sua identidade de género e por não ter conseguido pagar o “imposto” aos gangues pelo direito de vender refrigerantes.

Em junho de 2015, polícias encapuzados invadiram a casa onde “Patrícia” morava com a mãe e irmãos, numa madrugada pelas 3h da manhã. Questionaram a família sobre o paradeiro de um dos irmãos que já não vivia na casa há mais de três anos, agrediram “Patrícia” com as armas e disseram-lhe que tinha um mês para partir. Três meses depois, testemunha esta mulher, um vizinho alertou-a que polícias a tinham ido procurar a casa duas vezes na semana anterior e que também a tentaram encontrar no trabalho.

“Patrícia” reportou estes incidentes ao Provedor de Direitos Humanos, mas nunca viu quaisquer resultados dessa denúncia, pelo que decidiu, pela sua própria segurança, partir para o México.

Foi agredida e assaltada durante a viagem e o requerimento de asilo que apresentou no México foi-lhe recusado com o argumento de que 12 anos antes cumprira uma pena de prisão por crimes relacionados com drogas. “Patrícia” foi deportada de volta para El Salvador em abril de 2016. Conta que informou o responsável dos serviços de migrações salvadorenho que a entrevistou no regresso ao país natal que fugira por ter medo pela sua segurança; não lhe foi dada nenhuma resposta.

Aterrorizada com o que lhe pudesse acontecer se permanecesse em El Salvador, “Patrícia” voltou entretanto a fugir do país.

*Nota: os nomes usados são fictícios por razões de proteção de identidade.*